



MULHERES NEGRAS EM MÚSICA E POLÍTICA: UM OLHAR SOBRE A 1ª TEMPORADA DA SÉRIE DIASPÓRICAS¹

Ana Clara Gomes Costa²

RESUMO: *Diaspóricas* é uma série documental sobre a Música Preta Brasileira que é feita por mulheres que se encontram em Goiás. São mulheres musicistas cerradeiras, amefricanas (Gonzalez, 1988), sonoras, pretas e centrais, promovendo práticas de liberdade (Hooks, 2013) de ressignificação da diáspora negra, a partir da transgressão por meio da música. A série celebra a negritude, o ser mulher e a música brasileira, a partir da conexão em África. Celebramos a resistência diaspórica de mulheres negras que utilizam seus múltiplos fazeres musicais como tática de existência. *Diaspóricas* são mulheres em atravessamentos afromusicais que se reconhecem mesmo não se conhecendo. São mulheres negras existindo por meio da música. Pela arte, pela negritude e pelo ser mulher, mulheres pretas e pardas se reconhecem como portadoras de tecnologias ancestrais para transgredir a sistemas de opressão.

PALAVRAS-CHAVE: *Diáspora negra. Musicistas negras. Resistências negras. Existências negras.*

¹ Este artigo faz parte do projeto Bolsa de formação em cinema para promoção de mulheres negras no audiovisual goiano, contemplado pelo Edital de Fomento às Ações Formativas do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2023.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania e graduada em Jornalismo também pela UFG. E-mail: anaclagc@hotmail.com

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 02 - Edição 30 - Julho - Dezembro de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

ABSTRACT: Diasporicas is a documentary series about Brazilian Black Music that is made by women who are in Goiás. They are strong, amefrican (Gonzalez, 1988), sonorous, black and central women musicians, promoting practices of freedom (Hooks, 2013) of resignification of the black diaspora, based on transgression through music. The series celebrates blackness, being a woman and Brazilian music, based on the connection in Africa. We celebrate the diasporic resistance of black women who use their multiple musical activities as a tactic of existence. Diasporic are women in Afro-musical crossings who recognize themselves even though they don't know each other. These are black women existing through music. Through art, blackness and being a woman, black and brown women recognize themselves as bearers of ancestral technologies to transgress systems of oppression.

KEYWORDS: *black diaspora; black musicians; black resistances; black existences.*

A política em práticas culturais negras

Música é política. Existir é política. Ser mulher e ser negra é política. Ser uma mulher negra que existe por meio da música é uma forma política de transgressão. Desde a travessia do Atlântico, as táticas de resistências difundidas por mulheres, em seus círculos sociais, ecoam em espaços negros como terreiros, espaços do samba, do macaratu, da capoeira, da congada, do maculelê, da folia de reis, do côco, do jongo, do tambor de crioula, do afoxé, dos blocos afro etc. Ou seja, espaços que promovam encontros negros. A cultura sempre foi um universo de transgressão para pessoas negras.

As transgressões para o povo negro, sobretudo para mulheres negras, se vinculam a práticas de liberdade, conceito trazido por hooks³ (2013), que apontam para as formas de resistência empenhadas por essas mulheres nos seus cotidianos para se desvencilharem do racismo, do sexismo e de outras formas de opressões intercruzadas oriundas do sistema capitalista. Transgressão é, portanto, um aparato de levantes para

³ A autora Gloria Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo de bell hooks, traz ao codinome a inspiração no nome de sua avó materna e dá preferência à escrita em minúsculo, de forma a confrontar convenções linguísticas e acadêmicas.

(sobre)viver e re(existir) no tempo presente, para se alcançar um futuro de mais possibilidades ao povo negro.

Falar de transgressão significa falar de resistência e de fazer política, apesar de vivermos em um sistema estruturado para explorar e oprimir pessoas negras. Em comunidades negras esse fazer político transcende, por exemplo, as práticas culturais relacionadas à religiosidade, como no caso de terreiros de candomblé e umbanda, que são uma forma manifesta de vivência da diáspora negra em terras brasileiras. A música, a dança, o teatro, a capoeira e a arte negra, como um todo, são práticas de levante representativas de lugares de resistência, sem necessariamente estarem vinculadas a um sentido religioso. Há, entretanto, sempre um sentido de espiritualidade nesses espaços negros de resistência, já que a história preta brasileira cruza tempos e temporalidades, por meio de saberes e vivências ancestrais.

Para Lélia Gonzalez (2020), Tia Ciata é símbolo da mulher negra que, mesmo trabalhando duro, protagonizando as maiores injustiças e desigualdades, não abre mão da alegria e de ir ao samba. O fazer político de Tia Ciata para a comunidade negra transcende o religioso, mesmo tendo sido ela uma ialorixá de destaque no Rio de Janeiro. Isso porque a mais conhecida entre as tias baianas⁴ nasceu na cidade de Santo Amaro, na Bahia, e chegou à capital fluminense em 1876, com 22 anos, para se tornar uma das figuras mais marcantes na precursão do samba carioca. Sua casa foi o reduto da composição do primeiro samba gravado *Pelo telefone*, de Donga, em 1916, e de tantas outras músicas e batucadas.

É nessa aura que sua casa prenunciou a origem das escolas de sambas e dos blocos afro, de acordo com a autora. A residência ficou conhecida como a capital da Pequena África, nome consagrado pelo compositor Heitor dos Prazeres, em referência à região em volta da Praça Onze, localizada na parte central do Rio de Janeiro.

⁴ As “tias baianas que eram os grandes esteios da comunidade negra, responsáveis pela nova geração que nascia carioca, pelas frentes do trabalho comunal, pela religião, rainhas negras de um Rio de Janeiro chamado por Heitor dos Prazeres de ‘Pequena África’” (MOURA, 1995: 132).

O fazer político ambientado nessa casa e em tantos espaços negros está na aglutinação de uma rede de solidariedade, de pessoas que se encontram para festejar e esses encontros festivos não se trata apenas da festa pela festa, como afirma a escritora Conceição Evaristo, no documentário *Tia Ciata*, dirigido por Raquel Beatriz e Mariana Campos e lançado em 2017. Para Conceição, há um jogo de resistência por trás do festejar, já que é no festejo que as pessoas se equilibram emocionalmente e retomam as forças para enfrentar o que está fora da casa.

A acolhida de uma irmandade negra afetiva e politicamente construída permite também o abraçar das fragilidades, condição que foi e é negada às mulheres negras, na medida em que temos que ser sempre guerreiras. Mulheres negras tiveram o direito de ser frágil tomado e temos a dor como referencial desde crianças, a começar pelos processos de alisamento dos cabelos crespos infantis, sendo queimados e esticados muitas vezes pela dor.

A diáspora negra na série Diaspóricas

91

A simbologia Adinkra, que é um tipo de sistema de escrita de povos antigos da África Ocidental, atravessa a concepção da série Diaspóricas e a construção da identidade visual da 1ª temporada da série, de acordo com a figura 1.

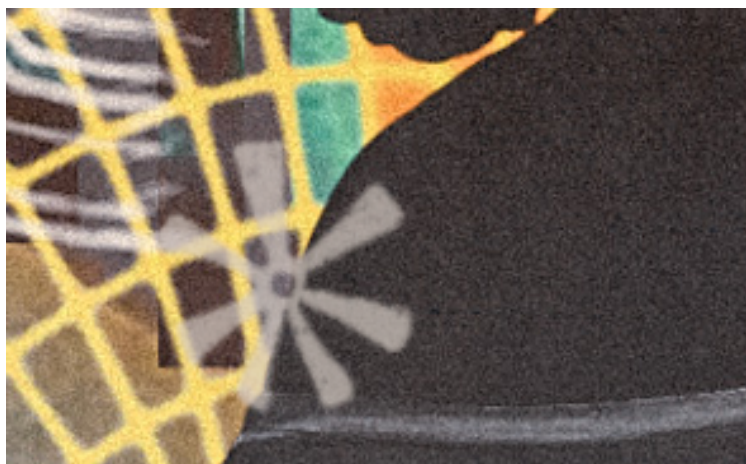
Figura 1 – Colagem digital da 1ª temporada da série *Diaspóricas*, realizada por Òkun



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa colagem digital, a artista visual goiana Òkun se utilizou do ideograma *Ananse Ntontan*, conhecido como teia de aranha, que simboliza a criatividade e a sabedoria, para pensar as complexidades da vida de mulheres negras. É possível visualizar o ideograma a partir da figura 2.

Figura 2 – Detalhe do ideograma *adinkra* *Ananse Ntontan* na identidade visual da série



Fonte: Arquivo pessoal.

Sabedoria, criatividade e resiliência são os caminhos para um afrofuturo, que só se faz se empenharmos ações de resistência para a transformação social. Na série *Diaspóricas*, o afrofuturo não necessariamente tem uma estética tecnológica, mas sim uma estética do cotidiano, da resistência sobre o agora. O afrofuturo, para nós, começa no resgate da nossa história e ancestralidade, transita pelo presente com a retomada de agências negras, e aponta para um futuro de protagonismos e possibilidades para o povo negro. É pela perspectiva do afrofuturo que a identidade visual do projeto faz alusão à estética do afrofuturismo, por meio do olhar reluzente da mulher negra que olha para a frente, coroada por sua visão ancestral de saberes que abrem caminhos.

Outro elemento que conversa com a concepção narrativa da 1ª temporada da série é a água-viva, que faz o plano de fundo da colagem digital. A água-viva traz a perspectiva da complexidade e da complementaridade presente na vida de mulheres negras. O elemento remete ao movimento, à sensibilidade, à espiritualidade e à própria água que move a vida, mas que também pode queimar. O sentido da água-viva, na concepção do projeto, remete a mulheres que vivem em diáspora, em beleza, em potência de ação, em movimento aquoso que pode queimar se necessário.

Para o nosso povo, transgressão tem a ver com a busca de práticas da liberdade, que por sua vez tem a ver também com a vivência de apesares e com superações. Esses apesares revelam resistências coletivas que possibilitaram existências individuais múltiplas de mulheres negras e LGBTQIA+. Mulheres racializadas como negras, em suas individualidades, sendo diversas juntas. Ou seja, as existências destas mulheres, cada uma em sua individualidade subjetiva, só foram e são possíveis porque houve resistências tanto coletivas, quanto individuais. É nessas resistências pensadas por histórias pontuais mas que contam sobre uma história coletiva que quero chegar com a série *Diaspóricas*. Porque, para cada dificuldade oriunda das opressões, mulheres diaspóricas criam e recriam, em comum, táticas de resistências. No caso das participantes de *Diaspóricas*, a música é uma tática comum, uma forma de tecnologia ancestral e de conexão em África que as fazem existirem ou (re)existirem.

O nome *Diaspóricas* se refere ao processo histórico de migração forçada de pessoas africanas que foram obrigadas ao trânsito transatlântico e à condição de escravizadas. A diáspora negra é, portanto, sinônimo de resistência às opressões seculares que nossos e nossas ancestrais viveram e também é sinônimo de constituição da cultura brasileira, no hibridismo e encontro entre África e América. A socióloga Lélia Gonzalez (2020) afirma que houve um processo de africanização da cultura brasileira, a começar pela língua que falamos, a qual ela chama de *pretuguês*. Para ela nossa cultura é eminentemente negra.

Retratar processos diaspóricos permite ampliar nossas táticas de resistência rumo à pluralidade e à conquista de direitos para a emancipação. Para isso, precisamos privilegiar histórias da diáspora, que lembram e celebram histórias coletivas e ancestrais. “Lembrar e celebrar”⁵ são verbos correlatos, que ligam as ações de resistências de mulheres transatlânticas e originárias do passado às mulheres diaspóricas de hoje, fazendo ponte para o amanhã negro.

⁵ Afirmação oral da filósofa Sueli Carneiro, no Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos, realizado em Goiânia, em 2018.

O encontro africano com a forma ocidental de se pensar a vida, a partir da exploração e da expansão capitalista, protagonizada pelo domínio europeu é uma forma de conexão permanente para o povo brasileiro. Mas nossa conexão permanente entre África e América se dá, sobretudo, pelo reverso da violência, pela sua transgressão, pela luta contra o domínio, pela cultura, pelos processos de resistência que mulheres negras criaram e que nos trouxeram ao hoje. Lembro e celebro a socióloga Lélia Gonzalez (1989) que cunhou o conceito amefricanidade para se referir a uma perspectiva político-cultural para além de uma condição puramente geográfica de África e América. Para ela, a amefricanidade agrega o processo histórico da dinâmica cultural, que se dá sob tensões, adaptações, conflitos, formas de resistências, reinterpretações e criações de novas formas culturais. Todos esses processos tendo como protagonistas e como agentes os povos negros que aqui se encontraram e se encontram.

Por todas essas questões proponho pensar, por meio da série Diaspóricas, a população negra pelo conflito, pela não aceitação, pelo não submetimento, pelas resistências, pela transgressão e não pelo olhar viciado da violência, do submetimento ao escravismo e à colonização. São esses povos que serão agentes de mudança para o amanhã. Pensando no trânsito África-América e no trânsito ontem-hoje, proponho uma reflexão sobre a perspectiva de anterioridade trazida pela pesquisadora Jurema Werneck (2005), de se recontar uma história que não é fundada pelos europeus, embora ela seja fortemente influenciada por eles. O que a autora propõe é uma “possibilidade de ordenar o mundo segundo bases próprias, singulares, desde pontos de vista individuais quanto a partir de coletividades, de povos inteiros” (Werneck, 2005: n.p.).

Lembrar, celebrar e dar visibilidade às narrativas de mulheres negras é, portanto, reavivar ações históricas, políticas e propositivas que nos trouxeram ao hoje e que possibilitam pensarmos sobre um futuro de oportunidades e direitos plenos à população negra e também à comunidade LGBTQIA+. Com o projeto da série Diaspóricas, me interesse em perceber as experiências individuais de mulheres afetando e sendo afetadas pelos mecanismos coletivos de superação e resiliência às opressões do racismo e do sexismo no mundo capitalista.

A série *Diaspóricas* em sua 1ª temporada

A série *Diaspóricas* é um programa de vídeos seriados, cujo gênero é de documentário, caminhando pelos subgêneros poético e participativo, que busca dar visibilidade a narrativas de resistência de mulheres negras musicistas vivendo em diáspora, como projeto político-afirmativo pelo direito de existir. Toda a série *Diaspóricas* está disponível aberta e gratuitamente no Canal *Diaspóricas*⁶, no YouTube.

O projeto *Diaspóricas* foi idealizado por mim enquanto diretora e se iniciou como extensão da minha pesquisa de doutorado intitulada *Micropolíticas de Dandaras: a comunicação como tática de existências de mulheres negras*, defendida em 2022. Na tese, abordo sobre as formas de comunicação e as táticas que mulheres negras criam para transgredirem a condições de subalternização oriundas dos processos estruturais de desigualdade sociais que se pautam a partir do racismo, do sexismo, do classismo etc. A pesquisa aponta para a existência de trocas comunicativas e ações de cuidado em comunidade, definidas enquanto micropolíticas de mulheres negras que abrem fissuras no sistema e forjam formas coletivas de emancipação e de conquista de direitos e espaços. Nesse sentido, a série surge registrando histórias de mulheres da diáspora que encontram, na música, uma forma tática de (re)existência a um sistema que tenta sucumbir a vida de mulheres negras a todo custo.

A 1ª temporada foi realizada por mim nas funções de diretora, roteirista, montadora e câmera; por Mayara Varalho, como diretora de fotografia e câmera principal do projeto; pela artista visual Òkun, responsável pela criação da identidade visual do projeto; e por Igor Zargov, responsável pela captação de som direto, pela edição de áudio e pela produção musical das performances musicais das musicistas convidadas. O projeto, de baixo orçamento, foi incentivado pela Lei Aldir Blanc de 2021 e, desde o seu início, focou em construir uma equipe técnica formada majoritariamente por mulheres negras, desempenhando múltiplas funções para que a 1ª temporada fosse possível de ser produzida.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@diasporicas1595>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

A série *Diaspóricas*, que recentemente lançou a sua 2ª temporada com uma equipe bem maior, estreou a 1ª temporada, com 5 episódios entre os meses de maio e junho de 2022. Nessa temporada piloto da série, o nosso foco enquanto equipe realizadora foi em interseccionar as temáticas das relações étnico-raciais, das relações de gênero e das vivências LGBTQIA+ vinculadas ao mundo da arte, principalmente ao fazer artístico de cada mulher enquanto musicista atuando no cenário musical da cidade de Goiânia, estado de Goiás. A 1ª temporada da série foi realizada a partir das histórias das musicistas Érika Ribeiro, Nina Soldera, Sonia Ray e Lene Black.

Érika Ribeiro é violonista, cantora e compositora, com uma produção autoral que ultrapassa 100 obras registradas. Apresenta-se regularmente no cenário nacional da música popular. Com sensibilidade única, tem conquistado o público, principalmente, feminino, com o recente trabalho, o álbum “Afrodisíaca”, que traz canções com narrativas pessoais em que muitas mulheres se reconhecem. Nina Soldera é cantora, compositora, atriz e produtora cultural, com trajetória longínqua no cenário artístico de Goiás. Atua como vocalista na Banda MundHumano, que se destaca por uma sonoridade híbrida conectada às influências da mãe África na música brasileira e universal. Sonia Ray desenvolve um intenso trabalho como contrabaixista, compositora, escritora e professora no curso de música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG). Ela é artista convidada da Associação Internacional de Contrabaixistas desde 1993 e atua como solista em eventos no Brasil e internacionais, com destaque pela recente turnê realizada nos Estados Unidos em junho de 2023 e pela Turnê Europeia Qualea Trio de seu grupo, que passou por Portugal, França, Itália, Turquia e Noruega em 2019. Lene Black é percussionista, com uma pesquisa musical debruçada sobre as raízes afro na música brasileira. Ela desenvolve um trabalho marcante acompanhando grupos-destaque da cultura goianiense como Dona da Roda, Terra Cabula, Banda Madá e o Trio Ilu Orin.

As quatro musicistas negras são expoentes da Música Preta Brasileira (MPB) no cenário goiano. Em contraponto à chamada Música Popular Brasileira, que originariamente tem a sigla MPB, o enfoque na *música preta* e não no termo *popular* para a ressignificação da sigla reverberou pela voz da cantora e compositora Sandra de

Sá. Em 1990, ela afirmou que “a nossa música é essencialmente preta (suingada/balançante), pois começa e termina no tambor, no suingue. Não há ritmo que cantemos ou toquemos aqui que não contenha um toque de brasilidade. Isto é a nossa pretitude [...]”⁷. A expressão *Música Preta Brasileira*, cunhada por Sandra, também deu nome a seu disco ao vivo, lançado em 2003.

Na série *Diaspóricas* a relação entre cultura negra, práticas de liberdade e resistência se dá essencialmente sobre o enfoque na Música Preta Brasileira feita por mulheres da diáspora, que, além de construírem suas subjetividades e formas de existências por meio da música, ainda a utilizam para promover sua autonomia econômica e o sustento financeiro de suas famílias. Cada episódio da 1ª temporada tem duração entre 10 e 25 minutos, tendo uma única mulher diaspórica narrando suas lutas como mulher negra e como mulher lésbica – no caso dos episódios 1 e 4 –, além do relato sobre as dificuldades e as superações que encontram tanto na experiência de ser negra, quanto na vivência de musicista. Baseado em um diálogo intimista, os episódios se apresentam como uma conversa olho-no-olho, em que as participantes falam de si e sobre suas trajetórias de dificuldades, resistências e superações, entre planos-detalhes, performances musicais individuais e performances introspectivas, gravadas em áreas verdes da cidade.

A proposta de produção priorizou um processo compartilhado com as participantes para a realização da série, baseada em uma relação de proximidade e de diálogo. Esse processo compartilhado da produção da série faz referência à metodologia do cinema compartilhado, oriunda “do modelo da antropologia compartilhada criada e utilizada pelo cineasta e antropólogo Jean Rouch e o uso que esse modelo faz do elemento participativo junto aos povos filmados” (Costa, 2015: 70). Nesse sentido, a prática participativa entre equipe de produção e participantes de uma produção fílmica intensifica as relações interpessoais, aumenta os laços e os vínculos de confiança, o que resulta em um mergulho profundo no interior das personagens da série e no envolvimento da equipe de produção. É nesse sentido que o processo dialógico e

⁷ A afirmação é amplamente divulgada e atrelada à artista Sandra de Sá, embora não tenha sido possível localizar o registro formal de onde e em que ocasião a frase foi proferida pela cantora.

respeitoso abre caminhos para adentrarmos na subjetividade das protagonistas, para nos reconhecermos em suas histórias e para nos emocionarmos junto a elas.

Na 1ª temporada de *Diaspóricas*, o tempo todo, as participantes foram encorajadas a co-produzirem os minidocumentários, sugerindo cenas, abordagens, lugares de gravação, trilha sonora, figurino etc. O último episódio foi o encontro dessas mulheres diaspóricas, que puderam dialogar sobre seus processos de atravessamentos afromusicais, sobre as dificuldades e superações comuns que vivenciam juntas, mesmo sem se conhecerem. O encontro diaspórico culminou em uma troca musical, por meio de um improviso de sonoridades, timbres e texturas sonoras, comprovando a perspectiva de que mulheres negras se conectam e encontram um comum umas com as outras, porque se reconhecem nas experiências sobre ser negra e sobre ser mulher. Elas se encontram também por meio da ancestralidade e por meio da herança de uma atmosfera musical e cultural rica, herdada da conexão em África. Esse encontro foi um processo empírico de construção de uma narrativa coletiva negra e artística sobre resistência.

O episódio 1 de *Diaspóricas*, intitulado *Pra coroar*⁸ e protagonizado pela compositora, violonista e cantora Érika Ribeiro aborda exatamente o quanto o processo de reconhecimento sobre ser negra tem a ver com a aceitação e afirmação do cabelo crespo, que, por sua vez tem a ver com a possibilidade de existir se mostrando como quem realmente se é. No caso de Érika, o se descobrir negra e assumir a sua *coroa* vem junto com a descoberta de que mulheres negras podem sim existir pela sensibilidade que o fazer artístico demanda.

⁸ Disponível em: <<https://youtu.be/MIPPM7zMfU?si=Qt9azB1N08YVW0Yd>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Figura 3 - Érika Ribeiro no episódio *Pra coroar*, da 1ª temporada de *Diaspóricas*



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos: Mayara Varalho.

O fato é que se reconhecer negra ou “tornar-se negra” - parafraseando o título da obra de Neusa Santos Souza (1983) - é se sentir parte. Se reconhecer na semelhança de um todo fortalece a identidade grupal, mas fortalece também as identidades individuais. Isso permite a percepção de múltiplas subjetividades e identificações que mostram o quanto um grupo social é diverso e complementar, por mais que esse grupo divida características comuns como os marcadores sociais de raça, gênero, classe etc. O fortalecimento de identidades individuais a partir da potencialização de uma identidade grupal também reflete o que seria, de fato, uma prática de empoderamento do povo negro.

100

Empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento (Berth, 2018: 42).

A ideia de empoderamento coletivo e individual também circunda o episódio 2, da 1ª temporada de *Diaspóricas*, intitulado *Tecnologias ancestrais*⁹. O episódio é protagonizado pela cantora e atriz Nina Soldera, que traz essa perspectiva de fortalecimento da multiplicidade das identidades individuais do povo negro, inclusive no fazer musical, já que “nem todo mundo que é preto vai fazer samba”, como afirma a artista.

Figura 4 – Nina Soldera no episódio *Tecnologias ancestrais* da 1ª temporada de *Diaspóricas*



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos: Mayara Varalho.

Nina, como uma mulher de axé candomblecista, traz o seu canto como missão e como tecnologia ancestral de enfrentamento ao racismo, ao sexismo e a múltiplas opressões. O episódio aborda o quanto a espiritualidade está presente nas práticas negras e o quanto a construção de um empoderamento coletivo, que também é individual e tem relação com o acreditar em si, é necessário para romper barreiras.

⁹ Disponível em: <<https://youtu.be/SvkuJJC6uJI?si=r2GBIUAdrIBP2BD2>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Já o episódio 3, intitulado *Figuras de referência*¹⁰, protagonizado pela contraibaxista erudita Sonia Ray, aborda a necessidade de se ter mulheres negras como referência representativa. Sonia, que já liderou o naipe de contraibaxistas em várias orquestras no Brasil e em outros países, mostra que mulheres negras podem ocupar qualquer espaço de poder e ser referência, inclusive, para pessoas brancas. O episódio pontua também sobre o peso de pessoas negras serem figuras únicas de referência em espaços hegemônicos, fato que aponta a necessidade ignorada de que pessoas negras devem cuidar de sua saúde mental.

Figura 5 – Sonia Ray no episódio *Figuras de referência* da 1ª temporada de *Diaspóricas*



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos: Mayara Varalho.

O episódio 4, intitulado *Reconexões*¹¹ e protagonizado pela percussionista Lene Black, aborda sobre táticas de proteção e autopreservação de uma mulher negra, lésbica, vivendo de seu trabalho artístico de musicista nas noites. Lene se protege com base em

¹⁰ Disponível em: <<https://youtu.be/sXDZ7BBAQ6s?si=FTelptvRNzdxLhvn>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/SybadOz4P2U?si=L4sSM_rUGMQ5alb2>. Acesso em: 19 mar. 2024.

sua espiritualidade de mulher negra, que traz sabedorias ancestrais sobre banhos de ervas para proteção. Nos momentos de abatimento, Lene acolhe suas fragilidades, se conecta consigo mesma, com outras mulheres negras que vieram antes e se reconecta para a vida, a partir da música.

Figura 6 – Lene Black no episódio *Reconexões* da 1ª temporada de *Diaspóricas*



103

Fonte: Arquivo pessoal. Fotos: Mayara Varalho.

O acolhimento das fragilidades recai na afetividade consigo e com as suas semelhantes como potência de ação “porque afetividade está relacionada ao gostar de gente, propiciar encontros, contatos, afetos e afetações. Porque afetividade nos reporta ao corpo e porque os corpos são potências, possibilidades, amorosidade” (Trindade, 2006: 102). A afetividade e a promoção de trocas entre mulheres negras está presente no episódio 5, intitulado *Direito de voar*.¹²

¹² Disponível em: <<https://youtu.be/kTePQ3HMTQw?si=IdrImwN5o9W3qifY>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Figura 7 – Lene, Sonia, Érika e Nina no episódio Direito de voar da 1ª temporada de *Diaspóricas*



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Mayara Varalho.

O episódio final da 1ª temporada da série retrata esse sentido do encontro, da conexão de corpos potentes, que se reconhecem e se acolhem mutuamente. O episódio é um encontro musical e musicado das quatro artistas, que dialogam, riem, choram, se veem uma na outra. Juntas elas constroem uma performance musical de improvisos de forma inédita, sensível e livre. Se é possível se mostrar suscetível e, mesmo assim, é possível ser acolhida como sujeita de afetividade em um grupo, tem-se aí o sentido de comunidade.

104

Protagonizar e coletivizar nossas próprias narrativas

Trazer narrativas de mulheres negras e LGBTQIA+ é fazer com que sejamos protagonistas de nossas próprias histórias, retomando o lugar de *sujeitas históricas* que agenciam conquista de direitos à população negra e à comunidade LGBTQIA+. A série *Diaspóricas* se justifica porque nos coloca no plano político da afirmação e da luta pela ocupação de espaços negados a nós socialmente. É necessário que nós, mulheres negras,

sejamos vistas como multifacetadas, de múltiplos saberes, competentes para ocuparmos qualquer espaço.

Cada vez que somos protagonistas e ocupamos espaços soa como um levante a outras mulheres negras e LGBTQIA+, público-alvo que acompanha a série. Há uma necessidade pulsante de difundir as formas de resistência que mulheres diaspóricas constroem para sobreviverem a uma sociedade racista, sexista, classista e lgbtqia+fóbica, de modo a empenharmos transformações sociais. Coletivizar narrativas de resistência é um convite para que mais mulheres, nas suas pluralidades subjetivas, assumam protagonismos diversos. Porque quando mulheres diaspóricas criam mecanismos de transgressão, elas promovem transformações sociais aos seus povos e a suas comunidades, fato que incide fortemente na conquista de direitos a minorias sociais e na perda de privilégios das classes dominantes.

Quando eu falo em existência de pessoas negras, me refiro aos apesares. Apesar do escravismo, sempre houve buscas por emancipação; apesar de violências, há afetividades; apesar de dores, há dororidade, para citar o conceito que dá nome ao livro da pesquisadora Vilma Piedade (2017). Por esse conceito, a dor compartilhada pela condição étnico-racial e de gênero une e fortalece mulheres negras.

Em outras palavras, mulheres negras se encontram no comum, que pode ser expresso pelas condições de vida compartilhadas pelas vias da similitude sobre a forma com que a mulher negra existe - ou inexistente - socialmente. Nesse sentido, não é necessário que duas ou mais mulheres negras se conheçam para se reconhecerem, já que dividem formas de existências similares, em uma sociedade desigual e excludente, de alguma forma, para todas. O comum para mulheres negras se refere também, em uma outra perspectiva, à interação, ao compartilhamento de sentidos que permitem o reconhecimento de si e de suas semelhantes, com conexão ancestral e potencial comunicativo de ação. Assim, o comum, por essa segunda forma de percepção, é o que permite a sobrevivência pela coletividade; é o compartilhamento de experiências negras para a transgressão. Há uma necessidade pulsante de difundirmos essa segunda

perspectiva sobre o comum de mulheres negras, que tem relação com processos de transgressão e formas de resistência.

O objetivo geral da série *Diaspóricas* é sair do locus de impossibilidades e violências relegadas à população negra, fomentando narrativas que considerem as violências raciais mas não fixem nossos povos e comunidades nesse papel de passividade diante do racismo e de outras condições estruturais. É necessário evidenciar os contrapontos, as superações do racismo, do sexismo e de múltiplas outras opressões que, sobretudo, mulheres negras empenham no enfrentamento cotidiano a apagamentos e silenciamentos.

A série advoga que é possível e necessário: 1) incentivar a criação de espaços midiáticos alternativos que prezem por pluralidade e protagonismo de vozes de pessoas subalternizadas socialmente; 2) contribuir no processo de promoção da autoestima sobre ser negra ou LGBTQIA+, em uma sociedade regida por uma necropolítica que desconsidera a vida de mulheres negras; 3) possibilitar novas experiências sensitivas às mulheres participantes, a partir do incentivo à produção compartilhada da série; 4) incentivar à continuação da construção e difusão de novas narrativas das participantes; 5) promover trocas e o diálogo como tática para a pluralidade; 6) dar visibilidade ao lado das possibilidades e transgressões sobre ser negra e LGBTQIA+, extrapolando a abordagem racismo/sexismo/lgbtqia+fobia; 7) evidenciar o quanto a existência, a afirmação e a reivindicação sobre ser mulher negra e LGBTQIA+ é política e caminha junto à conquista de direitos.

De onde viemos, para onde vamos

A série *Diaspóricas* é um chamado para nos localizarmos. De onde viemos, para onde vamos são perguntas com a perspectiva de um afrofuturo que as artistas da 1ª temporada nos incitaram a pensar. Nossas musicistas se encontram e nos localizam como comunidade negra, já que, ao assistir à série, nos conectamos pela identificação com a condição de ser negra ou negro, de ser mulher, de sermos periféricas ou periféricos, ou de sermos LGBTQIA+. Somos ou nos tornamos, porque nos

sensibilizamos com as subjetividades, afetos e afetações das protagonistas de suas histórias.

Nos identificamos com a luta, com a superação, com a fé na vida, apesar de todos os pesares de múltiplas opressões. Nos sensibilizamos para a lida de luta das mulheres negras, ao mesmo em tempo em que nos sintonizamos às suas práticas afromusicais, que falam muito de uma anterioridade, da nossa conexão em África, seja pela cultura, seja pelas táticas para existir. Nossa história negra começa muito antes da travessia e do colonialismo. A história negra é a própria história da humanidade. É papel de todas as pessoas assumir discursos e práticas antirracistas para desvincular a história negra do escravismo.

É necessário que nossas pesquisas e trabalhos siga uma ótica afrocentrada (Asante, 2009), em que pessoas negras sejam vistas como agência, como protagonistas de suas histórias e das histórias do mundo. A busca da série Diaspóricas continua na consolidação de um pensamento afrocentrado, que olhe para o nosso povo como reflexo de nossa ancestralidade, enxergando, no presente, que é possível sim superar racismo, sexismo, lgbtqia+fobia. Assim, é possível pensarmos afrofuturisticamente, na construção de um afrofuturo, que se refere a um futuro de múltiplas possibilidades e oportunidades ao nosso povo.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.

COSTA, Ana Clara Gomes. “O cinema compartilhado como caminho para uma comunicação solidária e democrática”. *Alterjor*, São Paulo, v. 12, n. 2, jun./dez. 2015, pp. 69-84.

GONZALEZ, Lélia. “A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade”. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan/jun), 1988, pp. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, tamos aí. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro latino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, pp. 9-24.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, 1995.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

TIA Ciata. Direção: Raquel Beatriz. Produção: Mariana Campos. Rio de Janeiro: **YouTube**, 2017. 26min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2-5-_6w8EBQ>. Acesso em: 21 jun. 2022.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e fazeres, v. 1: modos de ver**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

WERNECK, Jurema. O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática. 2007. 318f. **Tese** (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.